

*Semanario ilustrado  
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
 Administrador: XAVIER DA SILVA

**DIRECTORES**  
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
 Musicas: ALFREDO MANTUA e ERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

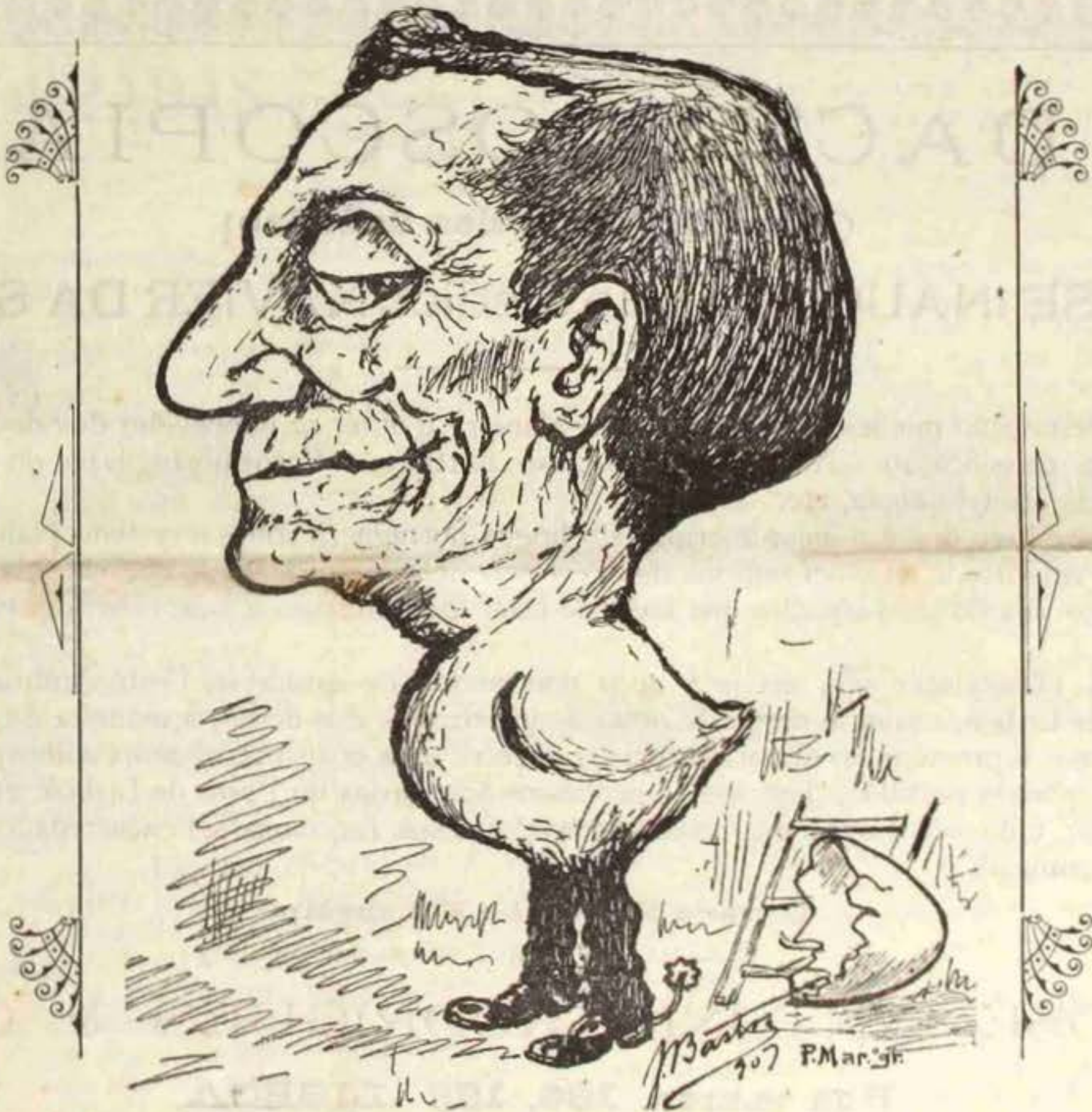
Segunda-feira  
 16 DE DEZEMBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 REIS

Condições d'assignatura  
 (Pagamento adeantado)  
 SERIE DE 15 NUMEROS  
 Lisboa e provincia..... 300 rs.  
 Colonias ..... 400 \*  
 Brazil (moeda forte)..... 900 \*

OS NOSSOS

J. A. V.



Um Valle que muito vale;  
 No Gymnasio vale tudo,  
 E nem vejo quem iguale  
 Valle no Pinto Calçudo.



**COSTA JUNIOR**  
Doenças dos Olhos  
R. Nova do Almada, 64, 1.º - Da 1 ás 5 da tarde

**SALVADOR VILLARINHO PEREIRA**  
Clínica Geral - Partes  
R. de S. Roque, 67, 1.º - Das 3 ás 5 da tarde  
TELEPHONE 1573

**ALBERTO FERREIRA**  
MEDICO CIRURGIÃO  
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.  
Consultas das 10 ás 11

**ANACLETO DE OLIVEIRA** ♦ ♦ ♦ ♦  
♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦  
♦ ♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

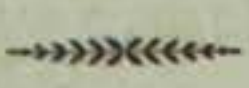
**MOTORES DE AR QUENTE**  
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.

# A LIBERAL

Officina TYPOGRAPHICA

Proprietarios

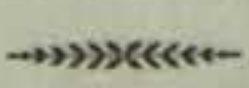
**PALERMO DE FARIA & C.ª**



Trabalhos Typographicos

EM

Todos os Generos



**RUA DE S. PAULO, 216**

**LISBOA**

## Januario & Mourão

OURIVESARIA E JOALHARIA  
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO  
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

JAZIGOS DE CAPELLA  
**A 200\$000 reis**  
8 Logares  
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES  
QUASI DE GRAÇA  
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS  
33, RUA DA PALMA, 35  
Pedro Carlos Dias de Sousa



EXPOSIÇÃO  
DE  
LOUÇA DAS CALDAS  
Arte decorativa  
Artigos para brindes

**GATO PRETO**  
Rua de S. Nicolau  
(Esquina da R. do Crucifixo)

# DACTYLOSCOPIA

(Identificação pelas dedadas)

THESE INAUGURAL do medico XAVIER DA SILVA

Descripção minuciosa do processo — Maneira d'obter as impressões dos dedos — Processos de classificação — Analyse do Processo Bertillon — Casos portuguezes de reconhecimento pela Dactyloscopia, etc.

Este livro que é o unico escripto em lingua portugueza sobre o systema Galton-Henry, torna-se, em virtude da nova reforma dos Postos Anthropometricos, de reconhecida vantagem e precioso auxilio para aquelles que teem de fazer identificações e lidar com impressões digitas.

A «Dactyloscopia», escripta após dois annos de estudo no Posto Anthropometrico Central de Lisboa, ensina o modo de obter as impressões dos dedos, a maneira de as classificar, arrumar e procurar no armario archivo; encerra uma critica ao systema anthropo-signaletico de Alphonse Bertillon, descreve os processos adoptados no Posto de Lisboa, etc.

Por tudo isto é um livro recommendavel aos srs. funcionarios encarregados da identificação criminal.

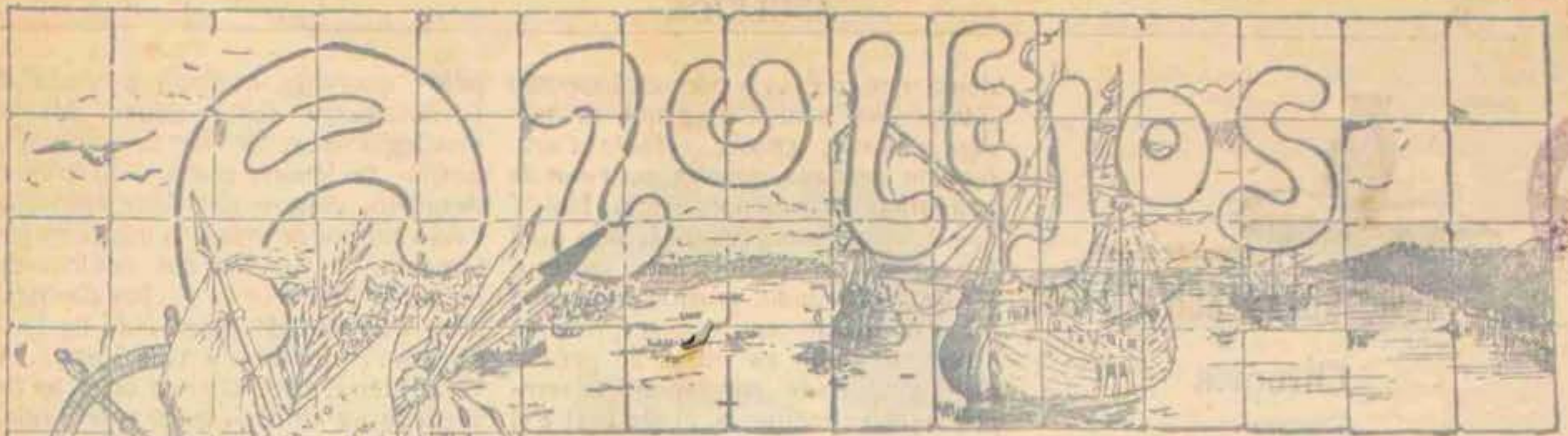
Livraria Nacional e Estrangeira

DE

**JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.ª**

**Rua Aurea, 186, 188 - LISBOA**





*Semanario illustrado  
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES  
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
 LISBOA

Officina d'impressão e composição  
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
 16 DE DEZEMBRO DE 1907

CONDICÕES D'ASSIGNATURA  
 (Pagamento adiantado)  
 SERIE DE 15 NUMEROS  
 Lisboa e provincias..... 300 rs.  
 Colonias ..... 400 •  
 Brazil (moeda forte).... 900 •

NUMERO AVULSO 20 RÉIS



CHÁ  
E TORRADAS

**T**enho estado com uma defluxeira terrivel. Estes dias nublados e humidos, em que o sol nos apparece por favor e não espera, ao menos, que lhe façamos um cumprimento, são para mim tudo quanto ha de peor.

E o nariz sempre a pingar, um verdadeiro alambique. O chá de borragem, de pés de ginja, a herba das sete sangrias, tudo tenho engulido successivamente e nada; o pingo mantem-se na ponta do appendice nazal com uma teimosia que não ha lenços que cheguem.

Começa a inchar-me o nariz, se gréla, estou perdido.

Mas fui sempre assim. Em chegando o inverno, em sendo pequenos os dias, todo o meu organismo se sente profundamente abalado. As flores precisam de sol, e eu, desculpem-me a falta de modestia, sou uma flôr; o que não lhes digo, minhas amaveis leitoras, o que não me atrevo a segredar-lhes estimadissimos leitores é a especie, a familia, o genero a que pertenco; mas o que lhes affirmo, é que sem sol, sinto-me definir, estiolo-me, embranqueço, eu que sou moreno... retinto.

Não ha nada como o verão.

Eu bem sei, e conheço até muito de perto, um dos meus leitores, e dos mais assiduos, que está n'este momento a esconjurar-me; mas a verdade, é a verdade. Os dias grandes, quentes, cheios de sol e de luz, não podem, não devem comparar-se, aos dias pequenos, molhados, humidos, chuvosos, que nos obrigam a carregar com camisollas e casacões e ainda por cima com uma capa de borracha, umas galochas, um chapéo de chuva... tal qual como o pobre soldado quando leva ás costas toda a roupa da ordem, em castigo de não ter levantado o rancho que não lhe agradára n'um certo dia.

A proposito ocorre-me uma historia muito interessante que vou contar .....

Um espirro... dois... tres..... sete a seguir! O nariz a escorrer, um verdadeiro inferno!

Mas vamos á historia.

Um dia...

Outro espirro!... Foi isolado, como a tempestade que se affasta. Oxalá não volte.

Um dia .....

Foi-se, não ha meio de me lembrar o que desejava contar-lhes. Escuso teimar, não me recordo; sei apenas que era muito interessante, uma d'estas historias que fazem epoca, que levam o auctor á posteridade.

O inverno, o inverno eis o culpado de me haver escapado uma das melhores occasiões de dar á estampa um verdadeiro mimo. E hei de gaba-lo?! O' nunca! Venha o calor, que importa?! As ventoinhas, os leques não se fizeram para outra coisa.

Se o frio, a numidade e a chuva tivessem desaparecido da superficie d'este insignificantissimo planeta a que chamaram Terra, nem sei porque? Talvez para dar rasão ás minorias.

Pois não é a agua a predominante? Não é ella que occupa a maior parte do nosso globo? Não ha duas opinões a este respeito e a Terra devia ter-se chamado *Agua*.

E' possivel que, nos tempos prehistoricos houvesse sido feita alguma combinação com os habitantes dos outros planetas, mas o texto original d'essa combinação perdeu-se e a tradição, como tantas vezes acontece, alterou tudo e ficámos *Terra* em vez de *Agua*, como na bocca de muita gente que se présa os alhos se transformam em bugalhos com assombrosa facilidade.

Eu já tive uma cosinheira que trocava tudo; confundia o sal com a pimenta e uma vez encheu-me o bule de café, muito convencida de que lhe havia deitado chá.

Era uma boa mulher, muito assejada, muito submissa e d'uma fidelidade a toda a prova. Mas não tive remedio senão despedi-la.

Imagine-se o que faria uma cabeça d'estas se fosse pelo acaso escolhida para transmittir os acontecimentos ás gerações vindouras.

Ah! agora me recordo da historia que lhes queria contar. Vamos a ella.

Um dia ..

—Basta, sr. Pacifico, está á justa, diz-me o paginador. A historia já não cabe n'esta pagina e como o *Chá e Torradas* não pode passar para a outra.

—Está bem e atirei com a penna fóra, desesperado.

JOÃO PACIFICO.





## NOTAS SCIENTIFICAS

## Chronica

Vista Curta e Vista Cançada.  
Preconceitos e Conselhos

Em materia de medicina tôda a gente dá conselhos e, é tão verdadeira esta afirmação, que até a sabedoria das nações escreveu no seu código o seguinte ditado, rifão, proverbio, ou como melhor se lhe queira chamar:

—«De medico e de tôlo, toda a gente tem um bocadinho».

Não é menos certo tambem que é no referido ramo de sciencia que o preconceito se enraizou mais profundamente, fazendo perpetuar certas praticas, determinados modos de proceder que são, a maior parte das vêzes inuteis e, em muitos casos prejudiciaes.

Grande numero de idéas, preconcebidas umas, não verificadas outras, são postas em pratica unicamente pela força dominante do habito, no tratamento das doenças, na applicação da hygiene e, sabe Deus e a terra, quantos prejuizos essa maneira de vêr tem causado.

Como prova do que acabamos de avançar, haja vista o que acontece com duas doenças, que toda a gente conhece, e com os portadores das quaes se praticam as maiores barbaridades: queremos referir-nos especialmente á *presbitia* e á *miopia*.

O Dr. Valude, medico do hospital dos *Quinze-Vingts*, faz notar, e com razão, que o preconceito relativo aos vidros correctores d'estas doenças, oculos, lunetas e especialmente aos primeiros vidros que usam os présbitos e as crianças miopes, é um dos que cravaram a ancora mais profundamente no e-ppirito publico.

Os présbitos (e todo o olho normal é présbito ahi por volta dos quarenta e cinco annos) passam tempos e tempos, mêses e até annos, fatigando-se extraordinariamente a lêr ou a trabalhar, forçando e cançando o poder de acomodação do seu aparelho visual, antes de se resolverem a usar oculos ou lunetas, isto é, vidros que, corrigindo o defeito natural, lhes permittam trabalhar sem fadiga da vista, lêr á distancia normal sem cansaço dos olhos. E dizem sempre: «*custa-me a lêr, estou vendo mal ao pé, mas, co'a bréca, se ponho oculos estou perdido, escangalho a vista, vou aumentando o grau pouco a pouco e em breve não ha lentes que me sirvam*».

Fundamentalmente não é nada d'isto e a razão é muito outra. O verda-

deiro motivo é... a presunção, o não querer usar oculos para que se não diga «*fulano, aquelle velhote d'oculos*» ou «*sicrana, aquella matrôna de cangalhas sempre no nariz*». Isto é que é, quasi sempre, mas, seja qual fôr a causa, o receio d'usar lentes é sempre infundado, porque seja qual fôr o momento em que se principie a pôr nos olhos os vidros de présbito, o grau hade corresponder sempre sensivelmente á idade real e á presbitia normal n'essa mesma idade. Alguns individuos temos conhecido que se espantam porque não podem lêr sem oculos e veem extraordinariamente bem ao longe; mas Santo Deus, essa é a regra e essa *bôa vista* para as coisas afastadas indica a hipermetropia, que não a emetropia: estes são os présbitos precoces, os que devem, bem cedo, começar a usar lentes para vêr ao pé.

Passando da critica do preconceito ao consêlho amistoso, devemos dizer aos leitôres que, sempre que lhes seja necessario afastar o livro ou o jornal para alem de quarenta centímetros dos olhos, afim de lerem bem, devem comprar oculos de lentes convexas e... usal-os. Não julguem que taes vidros prejudicam a visão ou os olhos, pêlo contrario, o seu uso é uma coisa excellente, consôla, tira a fadiga, dá repouso ao musculo ciliar. O facto de ir sendo necessario augmentar constantemente o grau da lente, não deve sêr imputado de modo algum ao uso desta, mas sim á propria doença, a presbitia, a *vista cançada*, como vulgarmente se diz, que uma vez iniciada, augmenta sempre com oculos ou sem elles.

Manda pois a hygiene ocular que o présbito, use lentes convexas para vêr ao pé.

Falêmos agora das crianças miopes, isto é, daquellas de quem se diz habitualmente que teem a vista curta, e da falta de comprehensão por parte dos paes, das condições fundamentaes dêsse defeito de refracção.

Em geral, o papá e a mamã possuem se dum mêdo infernal ao vêrem a criança miope de luneta de nariz. «*Não, lá isso não, exclamam, o pequêno acostuma-se ás lentes e o uso dellas augmenta-lhe a miopia*». Ora, a verdade é que, dêsde que ella realmente existe, nada ha que a suprima, que a cure, que a faça diminuir, porque tal doença está ligada a uma conformação especial do órgão, e os charlatães que pretendem curar a miopia, contribuem poderosa e nefastamente para arreigar nos miólos dos leigos a idéa falsa da desaparicção do defeito. E' idéa corrente, mêsmo entre medicos, que o avançar em idade faz diminuir sensivelmente a miopia, mas este modo de vêr é ainda um preconceito contra o qual é necessario lutar. Os desgraçados *curtos de vista* ouvem muita vez dizer a seu lado, e em tom de plêno convencimento: «*Ora vêjam que bôa vista que o sr. tem, já orça*

pêlos quarenta e cinco e ainda lêr perfeitamente sem oculos». Magro privilegio este, de lêr *ao pé* sem o auxilio de lentes, comparado com o desgosto, com o aborrecimento que causa ao pobre miope o uso constantemente de luneta, dos oculos, do *lorgnon*, para ver as feições das pessoas que vão do outro lado da rua, e isto... durante a vida inteira. A vida inteira, não, alguma coisa ha de verdade na afirmação de que a miopia diminue com a idade; os miopes cujo defeito é de intensidade minima, começam a melhorar, a vêr regularmente *ao longe*, lá para os setenta... setenta e cinco! Ora, sêja dito em abôno da verdade, ha bem pouca gente que se aproveita dêsse beneficio.

O consêlho que damos aos leitôres, é o seguinte:

Os miopes devem usar lentes que corrijam exacta e completamente o defeito da sua visão, e isto, quanto mais cedo melhor, porque está hoje perfeitamente assente que a correcção optica é o melhor meio de refreiar a marcha progressiva da miopia, e é exactamente na tendencia á progressão que está o perigo.

ARIOSTO PALMANDO

## ESPIRITISMO

A conversão de Eugenio Nus  
ao Espiritismo

(Conclusão)

Outras vezes o velador parecia tomado de ataques epilepticos. Apenas lhe tocavamos, levantava-se e agitava-se com uma força tal que não nos era possivel dominal-o. Retezavamos os braços para o conter, faziamos pressão sobre elle com todas as nossas forças para o fazermos retomar a posição normal de qualquer meza modesta e e pacifica, mas ella, raivosa, reerguia-se ainda com mais energia, resvalava impetuosamente para a direita ou para a esquerda, ou dava saltos desordenados. Um dia escapou-se-nos das mãos e, como arremessada por uma mola, foi bater de encontro ao marmore do fogão com tal violencia que quebrou um pé.

Nada nos podia fazer prevêr estas crises, que duravam ás vezes alguns dias e que terminavam, como haviam começado, sem nenhuma causa apparente. Nós interrogavamo-nos reciprocamente: nenhum de nós se sentia em disposição fisica ou mental que pudesse explicar estas perturbações extraordinarias. Entretanto a meza continuava a attribuil-as sempre ás nossas preocupações individuaes que, segundo ella, impediam as manifestações.

Um de nós, Brunier, veiu a ser



mais tarde o que se chama, em linguagem espirita, *medium escrevente*. Vimos começar e desenvolver-se n'elle essa faculdade automatica. Tomava um lapis, em attitude de escrever, e abandonava a mão, que começou por traçar linhas informes. Pouco a pouco, começou a formar caracteres, cada vez mais nitidos, e por fim a escrever correntemente. Pude assim observar, graças a elle, um outro processo do phenomeno, a escripta inconsciente, mais natural em apparencia, mas no fundo decerto não menos estranho do que as pancadas dadas pela meza. Quando elle pegava no lapis a sua mão tornava-se uma verdadeira machina de movimentos nervosos, sacudidos, rapidos, sobretudo rapidos. Ainda vejo esse lapis fazendo ás vezes uma pergunta a qualquer de nós, e quando a resposta se não seguia rapida como o pensamento, agitar-se com impaciencia, picando convulsivamente o papel, que ficava cheio de pontinhos negros, e escrevendo nervosamente :

— Mas respondi... Responde, Nus... Responde, Méray... Que aborrecimento...

Das numerosas paginas que este curioso lapis escreveu, apenas extrahirei algumas linhas.

Um dia, tendo-lhe eu perguntado : — O que é o dever? respondeu me immediatamente o seguinte :

— « O que é o dever? Esta pergunta é-me feita por Nus. Ahi vae a minha... e tambem um pouco a sua resposta :

O dever é a realisação, livremente desejado, do destino do ser intelligente. »

O dever é proporcional ao grau do ser, na grande hierarchia divina, necessaria. — Digo necessaria, porque sempre a necessidade implica Deus. »

Depois de descrever as manifestações d'este phenomeno estranho, julgo dever ficar por aqui. Quero, comtudo, deixar consignado que, seja lapis ou meza, a doutrina é sempre a mesma : *o ser, livre, lavrando elle mesmo o seu destino e elevando-se na vida proporcionalmente á intensidade dos seus desejos e ao merito das suas acções*. Que alguem me indique, se puder, uma religião melhor e uma filosofia mais bella!

FIM

## Pensamentos

A mulher sem marido é uma planta de estufa, sem estufa.

A mulher é um Diogenes que passa metade da vida á procura d'um homem... e ás vezes, tambem a outra metade.

A civilisação é o caminho de ferro do pensamento.

MERY.

O desprezo desanima os homens e destroe-lhes as virtudes.

CONFUCIUS.

## Mascaras illustres



Alexandre da Conceição



## O phantasma da Alameda

A minha Mãe



Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Conclusão)

Apertaram ternamente as mãos, e a joven partio, seguida pelo Turco, que agora mais familiarisado com Alfredo, lhe fazia festas, agitando a longa cauda.

Passou um mêz. Os sinos da igreja da aldeia repicavam festivamente. Acabavam de se unir para sempre, Carlota e Alfredo.

A aldeia despovoara-se, pois todos quizeram vêr o casamento. Os mais velhos diziam :

— Que lindo pár!...

As maçoilas e os rapazes, diziam despeitados, uns para os outros.

— Aquillo é que se chama ter sorte, hein.

Por isso o pae a creou com tantos mimos, estava a guarda-la para um figurão da cidade...

— Olha, Maria, o que tu tens é inveja, quem te déra a ti estar no logar da Carlota do ti Tonio, replicava um vigoroso rapagão, encostando-se a um nodoso varapáu.

A rapariga, voltou se abespinhada :

— Ora o toleirão, talvez você queira dizer que tanto se lhe dá como se lhe deu, vê-la ali com outro... Já se não quer lembrar, porque lhe não faz conta, quando o anno passado pelas colheitas, a foi pedir ao pae, e ella fazendo-se de manto de seda, lhe mandou dizer que não queria casar!?... O'ra tome, para se não estar a fazer esperto!...

E voltou-lhe as costas, afastando-se.

— A todos fará inveja, nanja a mim, disse uma bonita camponeza, dirigindo um olhar terno, a um campino que estava proximo.

E elle respondendo, disse-lhe retribuindo o olhar e com intenção :

— Nanja eu, tamem, o que eu desejo é que elles tenham tanta sorte, como eu quero ter, com certa cachopa que conheço.

A chegada dos noivos, pôz termo a estes e outros comentarios.

Ella, gentilissima, pois jamais houvera noiva mais linda, toda purpurejada no seu

vestido de damasco branco e envolvida no amplo véu de tulle, preso por flores de laranjeira naturaes. Elle, elegante e correcto, na sua casaca preta, dava-lhe altivamente o braço.

Fôra madrinha a fidalga das Murtas, mãe de Alfredo e viscondessa deste titulo que fôra alguma opposição, mas perante a bondade e formosura da noiva, acabou por ceder, indo ser madrinha.

A' noite, quando já se preparavam para partir para o Minho, onde Alfredo tinha uma linda quinta e magnifica vivenda, que iriam occupar, durante a sua ridentissima lua de mel, o pae de Carlota, dizia a Alfredo.

— O'ra quem diria ha quatro meses, quando meu sogro lhe contou a historia do phantasma da Alameda, que já hoje me levaria a minha — rosa de toucar!... e o bom do lavrador enchugava com as costas da sua mão calosa, duas grossas lagrimas, que não podéra occultar.

— Creia, meu pae, que nunca terá de arrepender-se, de m'a ter dado.

— Que Deus o oiça, meu filho e os faça felises.

Decorreram annos. Alfredo, não faltou zos promettimentos feitos a Carlota, hoje tornada senhora da alta sociedade, é a mais feliz das esposas, adorada pelo marido a quem retribue extremosamente o seu affecto, reparte o seu amor, por dois gentis bebês, que são toda a alegria do feliz casal.

Todos os annos vão passar dois meses na aldeia onde os seus amores começaram, sendo sempre os mesmos, sem presumpções, não tendo Carlota o menor orgulho e ensinando os seus filhos a amar e respeitar os velhos avós.

Alfredo comprou a quinta dos Choupos; o caramanchão lá está ainda hoje, tal qual o vimos no começo d'esta narração.

Carlota e Alfredo, quando estão na aldeia, vão sempre visita-lo e recordar que foi ali que a sua ventura se definiu.

Depois, vão ao cemiterio, depôr dois grandes ramos de flores, colhidas nos Choupos, sobre as pedras tumulares dos dois desventurados amantes. E' uma devoção, que elles cumprem com o maior respeito.

Maio de 1905.

MARIA MAGDALENA DE GONDOMAR.



## Aquella Voz

No album do ex<sup>mo</sup> sr. José Coelho da Motta Prego.

Tem-se-me pouco a pouco ido apagando  
A inspiração juvenil da poesia,  
Como se apaga a clara luz do dia,  
A' medida que o sol nos vae deixando.

Hoje é noite cerrada, e ás vezes, quando  
Procuro pela sombra a phantasia,  
Encontro-a sempre merte, morta e fria,  
Branca Ophelia que as aguas vão levando.

Pallido, fulminado, triste, absorto,  
Fico então como um pae junto d'um berço  
Ao encontrar ali um filho morto.

Fechou-se-me o poema do Universo  
Nem ouço aquella voz, o meu conforto,  
Que antigamente me fallava em verso.

Coimbra, 23 de Novembro de 1884.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO



# O Crime

## "Dellard"

GORON

(Continuação)

Abandonei a casa da baroneza e dirigi-me rapidamente ao hospital S. Luiz. Apênas chegado pedi e obtive auctorisação para interrogar Delfina Houbre cujos ferimentos, horríveis à vista, não eram no entretanto tão graves quanto, à primeira vista, se julgou. Esta mulher, robusta e corajosa, descreveu-me o caso com tóda a minuciosidade.

— «A's quatro horas, sai para fazer as compras. Meia hora depois voltei e subi pêla escada de serviço; entrei na cosinha, acendi um candieiro de petróleo, o pequeno por signal, e penetrei na casa de jantar. Neste momento vi apparecer um homem diante de mim. Deu um sopapo no candieiro que se apagou ao cair e feriu-me violentamente na nuca. Senti perfeitamente o frio do aço na carne; parecia mêsmo que me estavam a serrar a cabeça. Não perdi o animo e luctei... luctei como quem quer salvar a vida, e com tanta energia o fiz, que o assassino deixou cair a faca.

Ouvi perfeitamente o som metalico do ferro batendo no chão.

O homem abaixou-se, mas, como estávamos ás escuras não poudo encontrar o que procurava. Amedrontado, sem duvida, largou-me e fugiu. — O sangue corria do pescoço com uma violencia inaudita; tinha o vestido completamente ensopado; apesar de tudo, corri á janella, abri-a e gritei: «Socorro, prendam o assassino, fechem a porta!» Naturalmente a porteira comprehendeu mal as minhas palavras, porque só fechou a porta depois do homem sair. E é o que sei»

— Ouvindo este depoimento voltei a casa da assassinada, onde encontrei Mr. Vérillou commissario de policia do bairro, que me mostrou um papel que acabavam de trazer para a baroneza.

Era uma carta do barão Dellard, filho da morta, que, do Ministerio da Guerra, escrevia o seguinte a sua mãe.

*Minha querida mãe*

*Desculpa-me não ir jantar hoje contigo.— Vou passar a noite em companhia d'alguns amigos. Faça votos para que eu me divirta muito. Espero estar em casa á meia noite.*

*Abraços do teu, etc.*

Zanguei-me! Onde iria elle jantar? Quem seriam os amigos do barão? Paciencia! Destaquei, ao acaso, alguns agentes para o procurarem. Em primeiro logar foram ao Ministerio da Guerra, mas ali não lhes souberam dizer coisa alguma.

O pobre rapaz entrou em casa á meia noite e meia hora: encontrou ali Mr. Vérillou, o commissario, que, com muito animo, mas dolorosamente comovido, lhe contou a verdade terrivel!

— Ao ouvir a descripção do horrivel caso, o barão caiu como uma massa inerte, chorando e soluçando como uma criança. — O seu desespero era tamanho, que foi necessario, para fazêl-o socegar um pouco, tiral-o

d'ali e levar o para casa d'um amigo, onde passou a noite.

Transcrevo em seguida o documento no qual Mr. Poncet reconstitue, apoz minuciosas indagações e testemunhos das pessoas que, mais ou menos, se viram envolvidas neste caso, os signaes aproximados do assassino.

— «Trint'annos, proximamente; estatura mediana, cabêlos castanhos, bigode fino e pequeno, tez palida, rosto oval, chapêu alto de pêlo de seda, casacaõ de vestir por cima, azul marino com riscas diagonaes quasi da mêsmo côr, calça cinzenta ou de fantasia; debaixo do braço uma pasta de advogado».

Esta famosa pasta, indicada no relatorio, foi, durante alguns dias, o prato de resistencia dos jornaes de Paris.

Mais tarde direi porquê!

## II

O crime «Dellard» foi, com certêza, um daquelles que produziram em Paris, maior e mais dolorosa sensação, concorrendo para isso, não só a infamia do cometimento mas, tambem e principalmente a situação social da victima e de seu filho, e as recordações illustres que estavam ligadas ao nome de Dellard.

Antes de continuar a narrativa do estranho processo que nos ocupa, vou apresentar aos leitores os esclarecimentos que pude obter a respeito desta familia de soldados, na historia da qual abundam as mais gloriosas recordações do exercito francês. Como não me fosse possivel esclarecêr, nos primeiros momentos, os jornalistas, que, me faziam um cerco em fórma, a respeito da identidade do assassino, fui-os entretenendo com os resultados das minhas pesquisas sobre a familia Dellard.

A baroneza assassinada era filha do general barão de Boulard, comandante do regimento d'artilharia a pé da velha guarda; o irmão desta senhora, comendador da legião d'honra, coronel d'artilharia reformado fora sub-director do estabelecimento de Polvoras e Salitres e era sógro de Mr. Gévelot, deputado pêlo Orne.

O barão Dellard, marido da victima, morrêra na posição de sub-intendente de primeira classe e era filho de um heroe das guerras da revolução e do Imperio: João Pêdro Dellard, nascido a 8 d'Abri! de 1774, em Cahors João Pedro alistou-se em 1792, como voluntario numa companhia de francos atiradores independentes do seu departamento, sendo, pouco tempo depois, nomeado tenente para o 23.º batalhão de voluntarios.

Este heroe das guerras da revolução passou, assim como todo o corpo em que se alistára, para a 36.ª meia brigada, quando da fusão dos voluntarios com a tropa de linha.

Fez as campanhas de 92 e 93 nos exercitos de Hollanda e do Norte e foi logo depois (3 do prairial do anno II) aprisionado pêlos austriacos na batalha de Templeuve perto de Tournai. Apoz dois annos de cativo trocaram-no por outro prisioneiro e, voltando á patria, incorporou-se no exercito de Sambre-et-Meuse, onde o nomearam major ajudante. Passado mais tarde aos corpos que combatiam na Helvecia, fez-se notar pêlo seu brilhante valôr durante a defêsa heroica dos desfiladeiros do Saint Gothard por Lecourbe contra as tropas de Souvarof, praticando feitos de extraordinario merecimento nos combates de Itielden e da Ponte do Diabo. Na véspera da batalha de Zurich, praticou um destes actos de valôr que, á nossa geração dessorada parecem mais do dominio do romance que do da historia.

O general Soult encarregara-o de atravessar a nado o rio Limat, cujas aguas impetuosas e profundas serviam de defêsa aos postos avançados do exercito austriaco.

(Continúa)

# Bonança

Deslisa no oceano vasto, hiante,  
A onda de reflexos azulados  
Afangando os penhascos isolados  
Em caricias de espuma vacilante.

Na praia, a murmurar doce descante,  
Relembra as melopeas dos passados  
Trovadores gentis, enamorados,  
Tangendo o alaúde soluçante.

Passa ao largo uma vella, aza potente,  
Que vae guiando o barco a outras plagas  
Entre escolhos occultos na corrente.

Arremessam ao ar rendas as vagas  
Que toinbam no abysmo novamente  
Como chuva subtil beijando as fragas.

MARCO SIRE.

# Cão a mais

(Historia velha em verso nôvo)

Venancio Pinto Madeira  
Apoz ceia bem regada  
Co'uma pinga de primeira,  
Sentira a pinha azoadá  
Por valente bebedeira.

Ergue-se tonto da mësá,  
Já um pouco agoniado,  
E, sem pagar a despêza,  
Pé no ar, chapêu ao lado,  
Vae-se raspando á francêsa

Como nau que a tempestade  
Leve baloiça no mar,  
Corre o Venancio a cidade;  
Até que emfim vem esbarrar  
Na dura pedra dum frade.

Como a luz d'incandescencia  
Dum lampião mun'cipal  
Não tivésse complacencia,  
E lhe redobrasse o mal  
Co'uma certa impertinencia,

Eis que o coelho gusado  
Saltando pêla guêla,  
(como out'ora no montado)  
Vem 'spalhar-se na viêla  
Junto ao feijão encarnado.

Faminto, serêno e mudo,  
Assôma á 'squina um rafeiro,  
E ao vêr o manjar chorudo  
Corre a devorar ligeiro  
Coelho, feijões e tudo.

Contemplando o succedido,  
Diz Pinto c'os seus botões,  
O coelho... 'stá sabido...  
Mas o cão... com mil trovões!...  
Não me lembro têr comido.

DECILITRO.

# Cumulos

Internar num convento a beata dum cigarro.

Enterrar um môrto na cova dum dente.

Atar um embrulho com um fio d'azeite.

Sêr moço duma bomba de vintem.

Vestir a camisa d'onze varas.



## Galheteiro

V

O pae, de cotovellos sobre a mesa, a cara amarrotada de encontro aos punhos cerrados e na frente um papel onde as informações escolares

penna na mão, á frente de muitos livros e papelinhos de garatujas symmetricas e inuteis, murmurando sommas e espalmendo palavras onde o feijão e o chourico são tratados a grossos e finos como um nome ou um facto em pergaminho de mensagem.

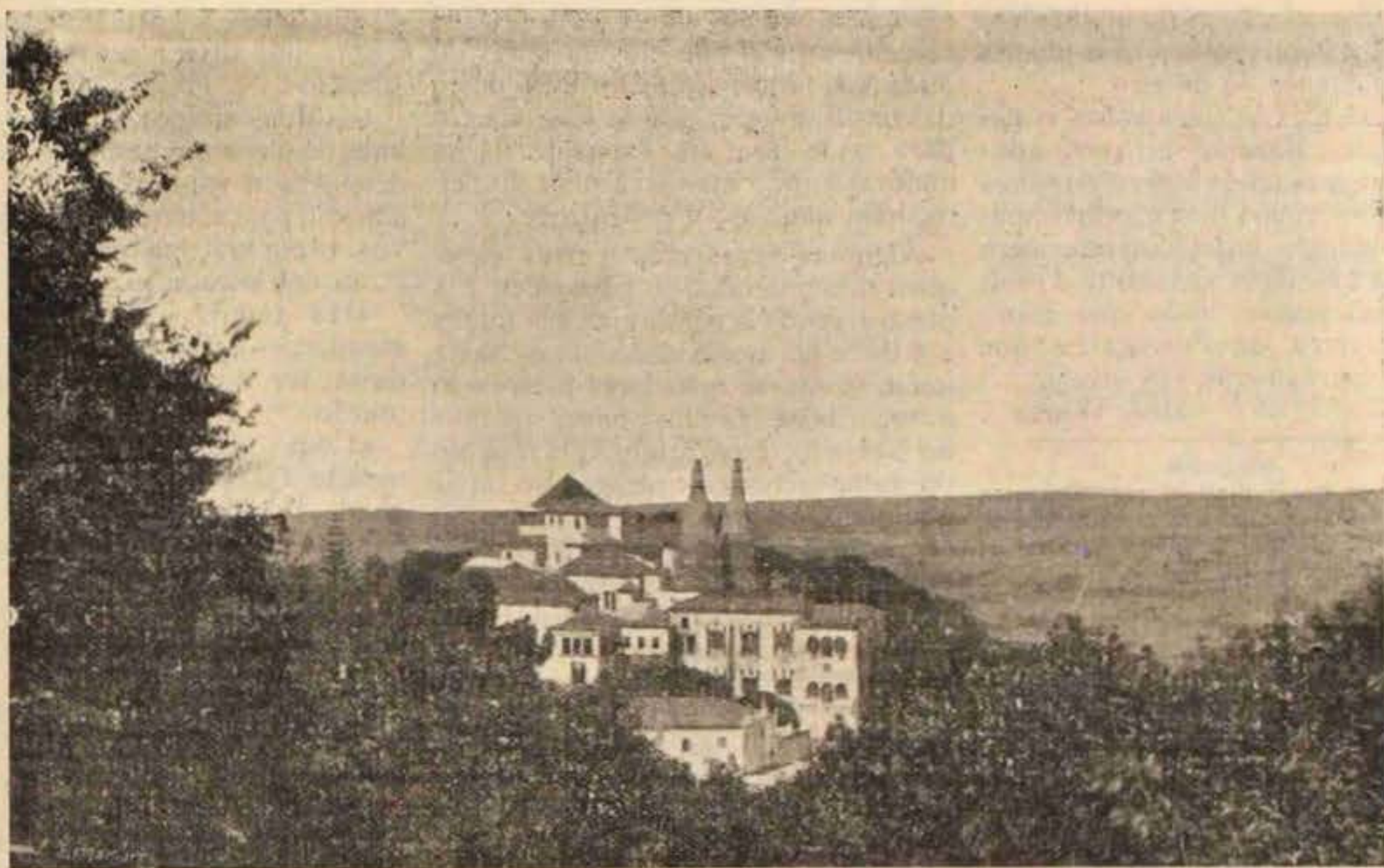
O tempo, a evolução não conseguiram penetrar ainda n'esses templos do sacrificio da intelligencia e da liberdade de pensar, sentir e querer.

O pó dos seculos cobre tudo aquil-

Mas, apesar disso a multidão acotovella se á porta das agencias ao acenar de um annuncio que exige polyglottas e contabilistas a troco de uns poucos mil reis de soldo e muitos attestados de pureza. E' o estomago que ergue a voz solemne e austera e n'um brado de supplica e ameaça aponta de um lado o crime, a cadeia e do outro o escriptorio, o cemiterio.

— Mas, se assim não fosse, diz o

## Portugal pittoresco



O PAÇO DE CINTRA — Photographia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Guilherme Telles de Menezes

ácera do filho, um incorrigivel garoto de doze annos, se estendem n'um cursivo eloquente accusando faltas e debitando gastos, está apopletico.

A um canto, lamuriando desculpas e coçando o sitio onde a ira paterna gravára a vermelho a mão espalmada e dura, o pequeno heroe, terror dos gatos e flagello das paredes, encolhe-se sob uma verdadeira tempestade de improperios e ameaças.

A mãe, lacrimajante, fundilha uns calções, sentada no vão da janella.

— Está dito! — brama o pae —

E' um cabula, um estúpido!

Não tem geito para nada!

Commercio! Commercio!

Vae para uma loja ou para um escriptorio e, acabou-se.

Tal é a resolução decisiva e firme que atira para o enxurro do balcão e da carteira, e para as caricias do bico da bota e do insulto, uma creança, uma promessa, e, quem sabe, um talento!

Mas, resolveu-se o problema e eis tudo.

Quem não póde ser bacharel ou medico põe-se entre o Deve e o Haver,

lo desde a mocidade d'um velhinho de suissas, de quem apenas existe o retrato, que pende além n'uma parede cujo angulo com o tecto é cortado por teias d'aranha de consistencia vitrea. Os habitos d'então para cá são os mesmos, como os bancos, as carteiras e as leis. O ar que alli se respira não mata mas envenena. O corpo atrophia, a voz emmudece, a espinha curva, o olhar esgazeia, a côr fenece, o cerebro apaga-se e o brio avilta.

A existencia passiva começa. O homem torna se creança; a creança degenera em objecto.

Tal é recurso que o chefe de familia encontra como energico hemostatico ás frequentes sangrias da sua bolsa exhausta. D'ahi a crise d'agricultura, a onda da vadiagem que engrossa, a arte que definha e a miseria que alastra.

Deixar que alli, n'essa escura mina, cavem os famintos, cujo pae, cedo o destino arrebatou á numerosa prole; que elle seja mais uma fibra d'esparto a tecer o capacho da entrada na vida, no prazer.

snr. Ximenes cofiando a barba côr de cenoura, não havia commercio, que seria de nós, não poderiamos acompanhar o progresso e a civilização com todas as suas exigencias, como se faz em toda a parte. Olhe, em Londres, por exemplo...

— Perdão, accudo logo, em Londres, que tanto serve de exemplo para os vestuarios, os five o'clock teas, os jogos, as comodidades e emfim, tudo quanto é pratico e acertado e ainda o que é simplesmente ridiculo, os escriptorios não são collegios, os empregados fazem a barba, fumam teem consideração e ganham dinheiro; a antiguidade tem um posto de accesso: *patrão*; e cá, meu caro senhor, quando se envelhece a servir de alcatruz, se se escapa inteiro, nem para vaso o aproveitam.

E agora, illustre papá, que puxas as orelhas ao teu varão e te arrepelias porque elle odeia os livros e falta á escola, pensa n'estas verdades, se as não sabes já, e lembra-te que o petiz travesso e cheio de vida de que queres fazer um homem e entregas, ao fim de rogaes muito, a tão *bri-*



lhante futuro, vae ser o pequenino degraço que todos pisam, o culpado de todas as faltas, o despejo de todas as iras e o instrumento de todas as vinganças.

Vae a toda a parte, a pé, sóbe escadas sem conto, obedece a todas as ordens, ouve todas as descomposturas e luxa na prensa os membros ainda tenros e franzinos.

Perseguido e amedrontado apprende a mentir. Escorraçado odeia o proximo e para conseguir a confiança dos superiores, que são todos, intriga-os. Como trabalha sem remuneração, torna-se-lhe o trabalho um fardo e accetando-o como imposição e castigo, nada apprende e pouco lhe ensinam.

Em compensação gasta mais calçada e o facto collabora com a penna no esvasiamento do tinteiro.

Procurae-lhes as inclinações e não lh'as tolhaes. Fazei-os artistas, apurae-lhes o gosto pelo bello e dae-lhes assorda por jantar, mas não lhes apagueis a luz do entendimento, nem roubeis a claridade vivificante do sol, n'esse azul puro e lindo que cobre esta boa terra de Portugal e que Londres eternamente vos inveja.

MISS WHITE

A uma carta quasi illegivel que, momentos antes de morrer, minha Mãe me escreveu, estando eu ausente, tendo inclusa uma pequena madeixa do seu cabelo.

Já no leito da dor, agonisante,  
Ao transpor os umbraes do infinito,  
O penhor do carinho mais constante  
Com a mão quasi inerte deixa escripto.

As letras illegiveis são o thema  
Do maternal amor, mimo sagrado;  
Para mim são o canto d'um poema  
Da musa maternal tão inspirado!

Deixa pois que tribute esta homenagem  
A'quella que no mundo foi modelo,  
O illho que vê sempre a tua imagem  
Nos fios, santa Mãe, do teu cabelo.

JOSE DE PAIVA SOARES DINIZ.

### Villancete

Lastimaes não ser eu vosso;  
Mas olhae: que graça tinha  
Ser de vós, se não sois minha?

### Volta

Ou minha sois ou não sois,  
Senhora, que me mataes;  
Alguem de nós é de máis  
Ou somos de mais os dois:  
Se heis de ser minha ao depois,  
Dizei-me que mal vos vinha  
De virdes já a ser minha?

JULIO DANTAS.

### Epigramma

Senhorio que concebe  
Em magra bolsa abrir fendas. . .  
A mulher gasta-lhe em rendas  
O que elle em rendas recebe.

DECILITRO

## A FILHA DO MORGADO

(Paginas de um livro)

Todos os domingos, depois da missa conventual, ali pelas sete horas, o velho prior demorava-se a palestrar com os seus parochianos antes de recolher á casa do passal.

Fallavam nas sementeiras, no aspecto das colheitas ou nas proximas vindimas; discutiam politica; referiam-se á questão das aguas entre o filho do morgado e a gente do logar; recordavam os patricios ausentes ou distantes, entre estes, o filho unico da tia Engracia, que lá das Africaes para onde fôra em rapazote, já ha muito que não mandava nem dinheiro, nem noticias, á pobre mãe.

Algumas vezes até, n'estas cavaqueiras semanaes, a pleno ceu e a pleno ar, entre o rumorejar das fontes e a doce harmonia dos ninhos havia quem contasse anedotas picarescas e recordasse saudosamente os dias do passado, com muito aprazimento do velho e bom prior que, ao ouvir qualquer palavra descompota, ou termo mal soante, disfarçava, tossindo, fingindo sacudir a fimbria da batina, ou fungando apressadamente uma pitada. Mas lá por dentro, sorria e sorria com agrado, ao ouvir as rudes expressões d'aquella boa gente, accrescentando de si para consigo entre um breve encolher d'hombros: «*Emfim, quem mal não usa, mal não cuida!*».

Durante a semana, cada um ia colligindo o maior numero de informações e novidades para o dia da reunião habitual, até que certo domingo, antes da missa, o Zé da Moita impava de vaidade ao saber que ia deixar os circumstantes boquiabertos, quando lhes contasse que a filha do morgado tinha fugido n'essa madrugada, com um valdevinos da cidade.

Por isso esfregava as mãos de contente, muito alegre e muito envaidecido; entretanto, como desejava deixal-os assombrados com semelhante narração, procurava termos e expressões com que lhe fosse facil pintar o caso bem ao vivo. E ninguem deixaria de acreditar-o, tinha a certeza.

— «*Pois se elle viu tudo, justificava mentalmente, quando foi dar de comer ao gado e espreitou pelo postigo do curral!*».

Effectivamente a noticia contada pelo Zé da Moita entre risinho e escarninho, com os olhos muito esbugalhados, o gesto largo e o corpo bem erguido, produziu o effeito esperado e logo houve quem opinasse que o melhor, era casal os, sim casal-os, porque aquillo afinal, sim... conforme o Zé da Moita tinha podido vêr,

era d'uma vez... e j'agora o pae, apezar de muito rico, nada podia fazer-lhe...

Formaram-se então dois grupos, ou dois partidos, um censurando o procedimento da pobre rapariga, outro defendendo-o como consequencia natural, dizia, do viver pouco honesto do pae.

Porem como o prior se conservava callado e elles quizessem saber a sua opinião a tal respeito, sem comtudo se atreverem a perguntar-lh'a, instaram com o regedor para que elle, como homem de mais saber e de mais intimidade, inquirese sobre o que tanto os interessava n'aquelle momento. Accedeu o homensinho e d'ahi a alguns instantes, o velho prior dirigindo-se á attenta assembléa, assim lhe disse, no meio do maior silencio:

— «Meus amigos, a noticia que acabaes de ouvir em nada me surpreendeu. Assim vol-o affirmo. E a proposito vou contar um caso que, por certo, vos explicará, justificando, isso que tanto vos espantou.

«Ha annos, — era eu ainda muito creanca, — offereceram-me uma formosa ave do Brazil, de grande estimação.

«Como não tinha onde recolhel-a, mandei fazer de proposito uma linda gaiola, branca e doirada, muito ampla e muito acciada, realmente uma obra d'arte e uma obra de valôr.

«Ora como durante o dia a conservava pendurada á janella do meu quarto, notei que certo pintarôxo adejava por largo tempo em frente d'ella e que a avesita enclausurada mais cantava e mais se revolvía, quando o visitante por ali esvoaçava.

«Pensei em dar-lhe tambem a liberdade, mas como era uma prenda de pessoa amiga, reconsiderei, continuando a conserval-a como até ali.

«Dias passados, depois de lhe ter deitado de comer, deixei aberta, por inadvertencia ou esquecimento, uma das portas da pequenina prisão e estaes a ver certamente o que succedeu!... Assim foi. Quando d'ahi a instantes voltei para mudar a agua dos bebedoiros, a avesita tinha desaparecido! Bem me cancei eu a ver se a descortinava pousada nos ramos das arvores fronteiras, mas, isso sim!... foi tempo e trabalho perdidos!

«Desde então tambem — devo dizel-o em abono da verdade —, nunca mais tornei a ver o enamorado pintarôxo!

«Aqui tendes portanto um exemplo de que, superior á belleza e ao conforto das proprias gaiolas d'oiro, está o Amôr que, tanto nas pessoas, como nos animaes, pretende ser fruido livremente!»

Lisboa 1907

FERNANDO DA COSTA FREITAS



## QUADRAS AO VENTO

Quadras minhas, pobres quadras,  
Cheias de p: sar infindo,  
Quem as canta vae chorando,  
Quem as ouve fica rindo.

Hei-de tanger-te na campa  
Uma lyra d'ais formada,  
Com cordas feitas de beijos  
De luar feita a ballada.

Já deitei os livros fóra  
Por só poder decorar  
O compendio da minha alma  
Aberto no teu olhar.

Vida e morte são dois sonhos,  
Duas noites sem luar:  
A vida é sonho d'instantes,  
A morte eterno sonhar.

D'um raio quente de sol  
Em gotta d'orvalho a dar  
Fez Jesus, n'um arrebol,  
Maria, a luz d'esse olhar.

Sonhos lindos d'illusões,  
Mentida realidade,  
Escutae d'estes bordões  
Os queixumes da Saudade.

LAMPARINA

## Uma explicação

Recebemos ha dias uma carta d'um nosso estimavel assignante queixando-se de que não percebia nada da secção charadistica, porque as decifrações publicadas em o numero seguinte estavam erradas e não correspondiam aos artigos publicados no antecedente.

Como tudo é possível, apesar do cuidado que sempre temos tido n'esta secção, como em todas as outras, fomos verificar e ficámos absolutamente certos de que não ha erro algum e estão pela devida ordem todos os artigos, assim como as decifrações que lhes correspondem.

E' preciso, pois, muito simplesmente que o nosso presado assignante estude a maneira de obter a decifração e não supponha que inventamos nomes de terras ou freguezias para desnortear os nossos leitores.

A proposito diremos tambem que, a secção charadistica, não está deslocada n'um semanario de sciencias, artes e letras e que não é espaço perdido, como alguém já nos deu a saber; é verdade que se esqueceu de demonstrar porque, e não nos enviou cousa que prestasse para o espaço occupado pela tal secção inutil.

Para decifrar logogriphos, charadas e enigmas, são indispensaveis conhecimentos de historia, geographia, chorographia, mythologia, da lingua em que estão feitos e possuir muitos livros e dictionarios das differentes especialidades. Para os novos é um bello passatempo que lhes desenvolve a intelligencia e lhes dá occasião a fixarem muitas cousas que mais tarde lhes hão de servir para mostrar que

são illustrados. Apprenderão com este innocente divertimento muitas noções que modernamente deixaram de ensinar-se nas escolas e, evitarão com elle, os verdadeiros *fiascos* de muitos que tendo cursos superiores ignoram por completo as cousas mais triviaes.

Assim tivemos occasião de ver, um distincto official d'engenheiros deante d'uma estatua representando *Jupiter* e *Leda* e logo a seguir outra de *Diana* sem saber o que significavam. Mais adeante um quadro em que estava pintada a imagem de S. Roque com o seu tradicional cão passava tambem despercebida. Tanto no profano como no sagrado, o illustre engenheiro que seria capaz de fazer o traçado n'um sumptuoso edificio, d'uma ponte notavel, ou d'um caminho de ferro irreprehensivel era da mais total ignorancia.

Se na adolescencia tivesse sido dos amadores das secções charadisticas de tantas publicações que as dão regularmente, por certo teria evitado o máo bocado porque passou.

Continuaremos, pois, a dar charadas e enigmas, pena é que não abundem as que alem de conceituosas, dão motivo para a composição de bellos versos, como tantos que temos visto.

Mandaste-me uma carta, inda ha bocado,  
com frases taes, irada, que pasmei  
e o caso era pr'a tanto, que eu não sei  
porque mereço ser tão desgostado.

Tortura-me sem dó teu desagrado  
a mim, que de ti nunca duvidei,  
e em paga dos affectos que te dei  
caprichas em tornar-me desgraçado.

Pedes-me o teu retrato Não t'o dou  
prefiro com saudade conserval'o  
memoria d'um amôr que se finou,

Lembrança da ingrata a quem amei.  
P'ra que? pr'a ires talvez a outro dal-o?  
Não quero que outro beije o que eu beijei.

H. A. B.

## CURIOSIDADES

**O chapéo de palha.** — O chapéo de palha, de tão grandes vantagens durante as estações calmosas, é de origem chinesa.

Os rihos do Celeste Imperio, em epochas remotas, foram os seus primeiros confeccionadores, e não se julgue que lhes davam uma manufactura tosca, como cousa primitiva; antes lhe consagravam toda a sua paciencia e todo o primoroso gosto que distingue aquelle povo artistico.

Entretanto, fazem hoje ainda os chapéos, de palha pelos mesmos processos e desenhos dos d'esses tempos antiquissimos, podendo ver-se muitos nos povos proximos de Caantão.

Na Europa, os primeiros foram feitos em Paris por um artista suiso; em 1404 na Provença vulgarisaram-se muito e usavam-se com adornos de prata.

Consta que no inventario de sir John Fastoffe (1450) figuraram quatro chapéos de palha como cousa rarissima e muito preciosa.

## Semana Alegre

N'uma casa de pasto:  
— Traze meio bife.  
— Prompto, meu freguez.  
O freguez encontrando um cabello no bife:  
— Arranja lá outro... mas cortado á escovinha.

— Salta uma sopa de rabo de boi.  
Um dos convivas vendo que a sopa está aguada, para o criado:  
— Leva isto e pede ao boi que metta o rabo dentro mais duas ou tres vezes.

## VARIETADES

### Ementa do Azulejos para o jantar de 25 de Dezembro de 1907

#### TERCEIRA ENTRADA

##### Assado

**Perú assado.** — De vespera, embriaga-se o Perú com um copo de *cognac* e mata-se meia hora depois. — Abre-se, limpa-se, chamusca-se e deita-se n'um alguidar com agua muito salgada e de modo que o animal fique coberto.

No dia seguinte faz-se um picado das miudêzas, cosidas, do Perú, presunto, bife de vaca mal passado, sangue cosido de Perú, sal, salsa, pimenta, noz moscada, queijo parmesão, azeitonas sem caroço, meia duzia de passas de Corinto. — No calio em que se coseram as miudêzas do Perú embêba-se um grande pedaço de miolo de pão duro. — N'uma caçarola posta ao lume põe-se um bom bocado de manteiga de vaca e cebôla picada e quando esta estiver quasi corada, mistura-se o pão com o picado e deita-se tudo na caçarola: deixa-se ferver um momento, tira-se do lume e junta-se-lhe duas gêmas d'ovos para unir bem a massa, deitando-lhe depois de tudo unido uma colher, das de chá, cheia d'assucar. Com este recheio enche-se o papo do Perú, cose-se a linha grossa, empêrna-se o animal, unta-se com manteiga de vaca e de porco em partes iguais, réga-se todo com vinho branco, cobre-se com pranchas de tocinho e de presunto e mete-se no forno. Depois de assado serve-se com agriões á roda.

Deve sêr acompanhado com salada da estação. — Com este prato bebe-se *Champagne gelado*.

#### POSTA RESTANTE

**Cemario.**... — Não prestam Cresça e appareça... mas com uma poetica que lhe ensine a fazer versos e accentuações.

**Raul Violeta** — Do seu pseudonymo exalla-se um tenue perfume, apesar de ser uma violeta secca... em syntaxe. Incensa M. L. L. umas vezes com tratamento, de senhora outras com o de tu. Em prosa não reclamamos gente de quem não conhecemos o merecimento.

**Açnarepse.** — Vão no proximo numero Dos antigos nada sabemos.





**QUAL É A COISA,  
QUAL É ELLA?**

**Decifrações do numero antecedente**

*Mira-olho—Prothese—Apótomo—Filha-rasca—Falto, falta—Monho, monha—Anna—Sobriedade—Desconvir—Visconde—Alcofa—Afife—Carapeças, Poiares, Cacia, Ar-rifes, Alcafache, Capinha, Cercosa, Trofa.*

**Logogriphos**

Povo antigo, industrioso,  
Que deixou recordações,  
Sendo hoje inda vulgares  
Bastantes dos seus padrões-4, 6, 5, 7, 1.

Entre elles, porem, não ha,  
Nem me veio ao pensamento,  
Que podessem ter tocado  
N'esta parte do instrumento-7, 6, 4, 5, 3.

Pois se tivessem mexido,  
No que elle tem de mais serio,  
Teriam logo estalado  
Um bom pedaço ao minerio-7, 1, 5, 4, 8.

E comprehende-se o caso,  
Nem deve causar surpresa,  
O que não era apressado-5, 6, 2, 7, 8.  
Era visto com 'stranheza.

Eis a razão porque o todo  
E' o nome d'um dos taes  
Que é amigo dedicado,  
Dos mais queridos e leaes.

J. P.

**Rapidos**

Nas armas de fogo  
1, 2, 3, 4

Lado  
5, 6, 7, 8, 9

Animal

J. P.

Rio  
1, 2, 3

Adverbio  
4, 5

Bebida

J. P.

**Charadas**

**Novissima**

Como nasceu no tojo, digo que está d'ac-cordo-1-1.

J. P.

Aqui e agora é planta-1-1.

A. BRANDO

**Metamorphose**

O barrete tem esguicho-2 (G. J.).

E. RAMOS

**Reduzida**

Arma-4  
-ion-  
Panno-3

SILVINO

**Addicionada**

Alternar-3  
-ve-  
Orar-2

E. RAMOS

**Electrica**

A's direitas animal, ás avessas bebida-2.

J. L. C. (SADO)

**Enygmas**

**Typographicos**

EEEEEE EE E  
E EE E E  
EEE EEEE E  
E E E E  
E E E EEEEE

Q

GALHÊTO

EE PA DE

ALPHA

CÔ TO CÔ

J. L.

**Duplo**

K 7

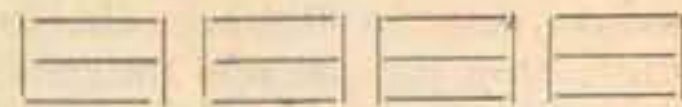
ALPHA

**De palitos**



Tirando 11 palitos é planta.

P. Q.



Tirando 8 palitos fica uma freguezia.

A. P.

**Chorographico**



Terras portuguezas.

J. P.

Artigos a decifrar, 16.



GRANDE DEPOSITO  
DE  
**MOVEIS DE FERRO**  
COLCHOARIA  
DE  
**JOSÉ A. DE C. GODINHO**  
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

R. Xavier da Silva  
Doenças da garganta, nariz e ouvidos  
**CLINICA GERAL**  
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.º

**LUZ KITSON**  
Petroleo por incandescencia  
A mais brilhante, a mais economica  
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

**A. NASCIMENTO**  
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e encordoações para pianos e harpas, etc., etc.  
**TRABALHOS GARANTIDOS**  
Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)  
LISBOA

**Retratos a Crayon a 2:000 réis**  
Carta a esta Redacção  
RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

**ESCOLA**  
DE  
**EQUITAÇÃO**  
DE  
**João Gagliardi**  
70, RUA D. PEDRO V, 70  
**LISBOA**

**Alfredo Mantua**  
PROFESSOR DE BANDOLIM  
C. do Forno do Tijolo, 32-4.º  
**LISBOA**

**Pharmacia do Instituto**  
**Pasteur de Lisboa**  
Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receptuario.  
Rua Nova do Almada, 86 a 90  
Em frente ao mesmo Instituto

**BICYCLETAS INGLEZAS**  
VENDAS A PRESTAÇÕES



**CASA VELO-PORTUGAL**  
J. da COSTA BRAGA-21 RUA MARIA 23 LISBOA

BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS RASOAVEIS  
ACCESORIOS E REPARAÇÕES  
RECURSAL DE FERRO E ALUMINIO—PIANOS—PENSUMOS—ALMOFADAS—CAPPO GRANDE

**A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR**  
A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de  
**“VELO-PORTUGAL”**  
vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que e hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.  
Não ha cyclista que o ignore.  
Ninguem imita artigos sem reputação.  
O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenaes d'imitadores.  
Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficara verdadeiramente surprehendido.  
Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a ver mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.  
Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.  
Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.  
Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:  
**Bicycletes das mais modestas as de maior luxo por preços rasoaveis.**  
Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De re-to todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.  
En qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pode garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.  
Ha pessoas que, não vendo réclamos espalhafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.  
Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.



PROPRIEDADE DE "AZULEJOS"

# LADINA

POLKA

*Fernando de Padua*

INTRODUÇÃO

Musical notation for the introduction, featuring a treble and bass clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is in the treble clef, and the bass line is in the bass clef. Dynamics include *f*, *dim*, *c. ru*, and *pp*.

POLKA *Allegro vivace*

Musical notation for the first system of the polka, starting with a piano (*p*) dynamic. It features a treble and bass clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is in the treble clef, and the bass line is in the bass clef. There are triplets indicated by a '3' over the notes.

Musical notation for the second system of the polka, continuing the melody and bass line from the first system. It includes triplets and various rhythmic patterns.

Musical notation for the third system of the polka, featuring a forte (*f*) dynamic and the instruction *il basso ben marcato*. It includes a first ending bracket.

Musical notation for the fourth system of the polka, featuring a piano (*p*) dynamic and a first ending bracket with two endings labeled '1.' and '2.'.

Musical notation for the fifth system of the polka, featuring a *sempre f* dynamic and a first ending bracket. The instruction *1ª parte ali as signal 8ª* is present.

Musical notation for the sixth system of the polka, featuring a *sempre f* dynamic and a first ending bracket. The instruction *8ª alta* is present.

Musical notation for the seventh system of the polka, featuring a piano (*p*) dynamic, a *susto* instruction, and a forte (*ff*) dynamic. It includes a first ending bracket and the instruction *1ª parte ali as signal 8ª*. The piece ends with *Fin.*

NO PROXIMO NUMERO  
LA NUIT D'ÉTÉ—Valsa por JOAQUIM JOSÉ D'ALMEIDA